

Algumas razões para pensar a importância da formação do ludoeducador

Maeby Gomes Buosi

Curso de Pedagogia MA4

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Decidi avaliar o curso sob três olhares pessoais; o primeiro é citando e comentando dez pontos teóricos trabalhados que foram mais significativos para mim durante o semestre, posteriormente comentarei especificamente as práticas utilizadas e por fim farei uma reflexão íntima sobre o trabalho realizado.

Para iniciar retomo a importância do brincar, do brinquedo e da brincadeira. Em uma sociedade consumista e dependente das mais altas tecnologias digitais a noção de criança inserida em seu espaço de ação é substancialmente prejudicada por acreditarmos que a melhor maneira de diversão é aquela oferecida pela indústria. Em nosso primeiro dia de aula fui impactada ao perceber que o brincar é uma ação natural de toda criança desde os primórdios da humanidade e essa independe de brinquedos, logo o prazer da diversão nasce a partir da brincadeira que a própria criança deseja desenvolver naquele momento da maneira que lhe apraz. Quanto ao brinquedo, trata-se de um objeto em que seu sentido é imputado pelo ser brincante, isto é, o mesmo brinquedo pode ter diversas interpretações e nenhuma delas podem ser condizentes ao que rege o manual.

Junto com as brincadeiras aparecem os jogos e dois pontos me chamaram a atenção sobre eles, o primeiro é a dificuldade em defini-los e de aceitá-los ou não como brincadeiras. Tema de aparência banal conforme progredíamos nos estudos pude notar que as polêmicas e ideias divergentes não são tão absurdas assim. Como a discussão foi

ampla colocação apenas as opiniões que passei a concordar: o jogo tem finalidade em si mesmo, pois seu objetivo é gerar prazer, tem gratuidade e provoca motivação intrínseca no sujeito. O segundo ponto é a história dos jogos; fiquei vislumbrada ao descobrir que crianças das sociedades grega, egípcia, romana, maia, inca, asteca, entre outras já brincavam de brincadeiras que eu brinquei muito na minha infância. Essa história também despertou minha curiosidade quando li e ouvi que a origem de muitos jogos tradicionais que as crianças jogam até hoje têm raízes em civilizações antigas e suas funções eram de realização mística, ou seja, ligavam-se a ritos religiosos.

Após passear pela história abordaram-se os benefícios dos jogos na educação e a triste realidade de até hoje existirem educadores que demonstram certa resistência em aliar essa ferramenta a suas aulas, porém no decorrer do curso me simpatizei ainda mais por eles. Quando bem utilizados em situação educativa eles podem tornar o aprendizado mais leve e consistente por também possuírem funções didático-metodológicas. As atividades realizadas devem ser tomadas como meio para se atingir um objetivo preestabelecido e o papel do educador é de conduzir a ação sem imposições e/ou intervenções desnecessárias, afinal no brincar/jogar, sendo ele livre ou didático, a situação de aprendizagem já está aposta.

A afirmativa acima se evidencia nas discussões sobre os processos do brincar, pois no momento da ação é inevitável a exploração do ambiente via manipulação de um objeto desconhecido ou, na fantasia do faz de conta, a resolução de um “terrível” problema. O caminho por esse cenário requer a elaboração de hipóteses, análise das mesmas, sistematização, estabelecer relações com o que já se sabe para tirar conclusões, significar e, se julgado pertinente, re-significar aquilo que se descobriu no início. Em suma, brincar não é tarefa simples, pois envolvem descobertas, explorações, experimentações, manipulações, busca por soluções, aprendizagem, etc.

E se fosse “bobagem”, “coisa de criança” a preocupação em classificar os jogos jamais teria surgido. Nos foi apresentado as classificações segundo três autores, Caillois, Chateau e Piaget. Confesso ter gostado

mais da classificação segundo Piaget por considerar mais objetiva e de fácil identificação em situação prática. Jogos de exercícios, simbólicos, regras e construção; conceitos de fácil assimilação a, quando bem compreendidos tornam-se termos autoexplicativos. Me senti bem quando percebi que em meio a realidade de análise proporcionada pelo espaço da brinquedoteca fui capaz de classificar os brinquedos e vi que muitos deles possuem mais de uma categoria segundo a classificação Piagetiana.

No universo das brincadeiras e até mesmo da compreensão do sujeito de si os símbolos estão sempre presentes como meios de assimilar o mundo real e os desejos e interesses contidos no mundo subjetivo. Nessa fusão entre dois mundos é que a evolução infantil caminha. Entre vários conceitos que introjetamos ao longo do crescimento as regras são entendidas como fundamentais para o bom convívio social e os jogos possibilitam a regulação dessas e seu ensaio. Porém, a criança nasce regida pela anomia (sujeito desregado e sem noção das mesmas agindo da maneira que lhe convém) e até chegar à autonomia (capacidade de auto dominação) é necessário passar pela fase da heteronomia (quando se vive na dependência do desejo do outro).

Entre visões diversas e diversões apareceram conceitos, uns novos e outros já conhecidos, que não poderiam ser ignorados neste escrito e jamais esquecidos em nossas vidas profissionais; o primeiro refere-se a Aprendizagem por andaimes e por Coconstrução. Foram conceitos que demandaram um tempo maior de elaboração até serem incorporados, contudo foi bom para que realmente se evidenciasse seu valor e perceber, ao meu ver, que trabalhar apenas com um ou com o outro é ilusório. Por vezes nós, educadores, servimos como andaimes para que a criança se apoie e consiga ascender ao estágio posterior de aprendizagem. Também há períodos em que a aprendizagem é construída coletivamente com as crianças e vale ressaltar que nesse momento o professor não é diminuído, contudo continua sendo fundamental como sujeito de referência aos seus educandos.

A zona de desenvolvimento proximal não poderia ser deixada de lado, pois essa foi largamente falada durante o ano. Por vezes me senti

entediada quando ouvia algum professor citar a tal ZDP, porém de tanto ler nos textos e discutir em sala percebi que eu como educadora não posso ignorar esse conceito Vigotskyano. O percurso entre a zona de desenvolvimento real (região em que o conhecimento já está sob domínio do sujeito e o mesmo consegue agir sobre ele com autonomia) e a zona de desenvolvimento potencial (conhecimento ainda não dominado) é o que chamamos de Zona de desenvolvimento proximal e é nessa trilha que nossa participação é importante, porém sem violar o protagonismo infantil.

Ficou provado nessa trajetória que as brincadeiras e o desenvolvimento infantil se entrelaçam e ainda há mais uma beleza que nos foi revelada; maneira em que a criança brincará está intimamente ligada a cultura a qual ela está inserida e ao ambiente em que vive. Lembro-me de um documentário que assistimos em sala que expressa muito bem essa verdade; um exemplo que se manteve vivo em minha memória é em relação a brincadeira de casinha. Enquanto as meninas da cidade grande brincavam com panelinhas industrializadas e o espaço onde se “construiu” a casinha já estava pronto, as meninas de uma aldeia indígena brincavam com elementos retirados da natureza e sem censura de adulto algum fizeram um pequeno fogão onde acenderam o fogo para aquecer a água. Muitas vezes achamos que a vida na cidade é melhor para o desenvolvimento da criança pela quantidade de recursos existentes e brinquedos estruturados, contudo desconfio que essas infinidades de instrumentos prontos aprisionam o fluir da criatividade e a própria criança.

O maior exemplo dessa polêmica, na minha opinião, são os jogos eletrônicos. Muito bem montado, o vídeo trazido por um colega Gustavo Brosso foi muito interessante e abordou: Até que ponto a criança consegue distinguir o virtual (fantasia) do real? Minha conclusão sobre a conversa foi que é necessário nos mantermos atentos aos comportamentos das crianças e não deixar que elas se fechem nas ilusões e fantasias eletrônicas, pois preso pelas interações interpessoais no plano físico.

Do plano teórico ao plano das ações; as práticas utilizadas foram coerentes e eficazes, pois em todas as aulas ficou nítido aos meus olhos o intuito de unir essas duas esferas e ter a certeza da objetividade de cada atividade proposta me trouxe mais segurança e motivação para prosseguir no trabalho. As aulas na brinquedoteca foram reencontros com minha criança interior por causa da oportunidade que tive de criar sem restrições, brincar e aprender inocentemente.

Pessoalmente termino esse semestre valorizando muito mais a brinquedoteca (o laboratório de formação dos futuros educadores do país) e me inspirando a resgatar o que a vida adulta tirou de mim, a alegria de brincar sem me preocupar com os olhares alheios para que, a começar por mim, eu possa ensinar as muitas crianças à beleza do criar, se divertir e aprender.